

Vale de Histórias: O cotidiano da Imigração Italiana numa comunidade do Vale do Itajaí-Mirim. Um ensaio de micro-narrativa histórica.

*Ivan Carlos Serpa**

Resumo

Este artigo enfoca a questão da necessidade de se lançar “novos olhares”, sob novas perspectivas, ao tema da imigração italiana em Santa Catarina, especialmente na região do Vale do Itajaí-Mirim. Discuto aqui as possibilidades de diálogo entre narrativa histórica, antropologia hermenêutica, fenomenologia, memória e história oral na abordagem do tema em questão.

Unitermos: migração italiana, historiografia, cultura.

Uma comunidade rural constituída no final do século passado por imigrantes italianos, no interior do município de Brusque, compõe o cenário dessa história.

Limeira era uma das chamadas “Linhas coloniais” (pequenos núcleos de colonização italiana, variando entre 50 a 200 pessoas que se estabeleceram nas periferias da Colônia Brusque) fundadas a partir de 1875. As linhas coloniais não configuravam colônias propriamente ditas, mas ramificações a partir delas. Instalaram-se nas cercanias de Brusque, especialmente nos pequenos vales formados pelos afluentes do Itajaí-Mirim.

* Ivan Carlos Serpa é graduado em história pela Universidade do Vale do Itajaí, em 1993. Ingressou no mestrado em 1995. Orientador, Prof. Dr. Sérgio Schmitz.

Segundo Grosselli,¹ o caos organizativo em que se realizou a colonização italiana no Vale do Itajaí-Mirim, especialmente com relação às linhas coloniais, torna difícil o trabalho do historiador pela falta de documentação oficial. Em consequência, a historiografia sobre imigração italiana em Santa Catarina tem deixado uma enorme lacuna sobre a questão.

Nossa opção, na ausência de uma fonte mais “confiável”, de um “caminho seguro e bem iluminado”, é tentar abrir “picadas” por entre estas “florestas”, tal qual os imigrantes que pretendemos pesquisar. Nosso caminho, ou melhor, nossa picada, é ouvir a própria voz do povo, sua memória, mesmo sabendo que ela “... torna-se muitas vezes a imitação daquilo que a mídia produz e reproduz sobre ela”.²

Este argumento poderia ser o “fim da picada” se estivéssemos tratando de um centro urbano, mas a comunidade que estamos investigando goza de um relativo isolamento geográfico no meio rural, e sua topografia, em forma de vale, dificulta enormemente a penetração de sinal televisivo.

Esta “voz” torna-se ainda mais “audível” se considerarmos que Limeira é uma comunidade cuja população manteve um movimento migratório relativamente pequeno, desde sua constituição no final do século passado. Ademais, pesquisas recentes chamam a atenção para a capacidade destas comunidades rurais de preservarem um certo padrão cultural em função de determinados símbolos culturais portadores de um conteúdo étnico.³ Para Seyferth, estes símbolos estão relacionados a aspectos da vida cotidiana: hábitos alimentares, trabalho artesanal, língua, que convergem na continuidade de uma série de con-

¹ GROSSELLI, R. M. . *Vencer ou Morrer, camponeses trentinos nas florestas brasileiras*. Florianópolis: UFSC, 1987. p. 311.

² CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano, artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 222.

³ SEYFERTH, G. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: UnB, 1990. p.89-95.

cepções que estes grupos têm de si mesmos, como uma suposta origem comum, o pioneirismo imigrantista, a superioridade étnica do trabalho do imigrante.⁴

Mas é, sobretudo, a existência na comunidade de uma riquíssima cultura material, especialmente seus engenhos de farinha de mandioca artesanais que chamam a atenção pela sua capacidade de evocar memórias. Para Thompson, este é um elemento que dá à memória amplas possibilidades de utilização pelo historiador.⁵ A memória é um testemunho do presente, que romanceia o passado, que o apresenta a partir da visão de mundo que um indivíduo ou um grupo têm, bem como é um testemunho do passado capaz de nos dar pistas sobre o mesmo.⁶ A memória seleciona os elementos mais significativos do passado que são narrados no presente. É justamente o fato de ser uma narrativa do presente o que a torna mais interessante, quando o que se objetiva é exatamente perceber como estes significados foram construídos historicamente, através dos símbolos. Consideremos, caro leitor, que “essa história deve ser entendida como um estudo dos processos com os quais se constrói um sentido”.⁷

Considerando que estes símbolos são historicamente construídos e que constituem elementos intrínsecos à capacidade reflexiva dos indivíduos para os quais eles significam – referenciais com os quais os indivíduos interpretam seu mundo⁸ –, nosso objetivo é investigar como se deu esta construção. Uma vez que pretendemos penetrar no universo simbólico dos limeirenses e entender como se construíram historicamente os

⁴ Idem.

⁵ THOMPSON, P. *A voz do passado, história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

⁶ GOOD, Jack, apud. THOMPSON, P. op. cit.

⁷ CHARTER, R. op. cit. p. 27.

⁸ GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

símbolos atuais de sua cultura, jamais poderemos retirar de sua memória o caráter simbólico. Aliás, fazer isto equivaleria a retirar das fontes o que mais nos interessa, pois:

(...) parte da história, aquilo que as pessoas imaginam que aconteceu, e também o que acreditam que poderia ter acontecido – sua imaginação de um passado alternativo e, pois, de um presente alternativo – pode ser tão fundamental quanto aquilo que de fato aconteceu.⁹

Portanto, para nós, o caráter romanesco da memória não constitui um problema desta fonte, mas antes um elemento muito “significante” da interpretação histórica, pois:

A importância do testemunho oral pode estar, muitas vezes, não em seu apego aos fatos mas antes em divergência com eles, ali onde a imaginação e o simbolismo desejam penetrar.¹⁰

Grande parte da história da África pré-colonial não seria conhecida se não se recorresse às fontes orais,¹¹ assim como as riquíssimas passagens da vida cotidiana dos trabalhadores ingleses e americanos a partir do início deste século.¹² A história oral tem, portanto, não apenas a possibilidade de investigar a vida cotidiana das classes populares, como também, e principalmente, “a possibilidade de trazer para o plano do historiador o registro da própria reação vivida dos acontecimentos e fatos históricos”.¹³

São exatamente essas “reações”, a que se refere Rogers, o que mais nos chama a atenção nas fontes orais. O contato direto com o informante não possibilita apenas a captação de acon-

⁹ THOMPSON, P. *A voz do passado*. op. cit. p. 184.

¹⁰ PORTELLI, apud. THOMPSON, P. op. cit. p. 184.

¹¹ VANSINA, J. *História geral da África*. São Paulo: Ática, 1982. v. 1. p. 157.

¹² SAMUEL, R. História local e história oral. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 19, p. 219-243, set. 89/fev. 90.

¹³ ROGERS, K. L. . apud. MONTENEGRO, A. T. . *História oral e memória*, a cultura popular revistada. São Paulo: Contexto, 1992. p. 20.

tecimentos históricos, mas sobretudo a percepção de reações, sentimentos que só podem ser captados no calor da transação humana. O relacionamento com o informante no ato da entrevista é tão ou mais importante do que qualquer descrição que ele possa nos fornecer, por mais detalhista que ela seja. O deixar-se envolver pela sua narrativa, o tentar partilhar com ele toda a carga afetiva contida, não só em suas palavras, mas na própria atmosfera que ele tenta criar com elas, são estas as possibilidades que fascinam. Esta atmosfera afetiva está carregada de significados existenciais, construídos ao longo de suas experiências de vida, de seu cotidiano. Por isso, a decodificação destes símbolos só pode ser feita através da interpretação destas experiências cotidianas em nível afetivo, e este só é apreensível através da fala. Existe na fala uma teatralidade, diz Geneviève Bollème, e para penetrar no seu sentido mais profundo, quem ouve tem que jogar o jogo desta teatralidade.¹⁴

Penetrar nos significados deixados pelo cotidiano dos limeirenses ao longo de suas vidas é, sobretudo, tentar atualizar estes significados, vivenciando-os através da teatralidade da língua, entrando na cena e contracenando com os atores históricos. É preciso não ter medo de reimaginar o passado, como diz Ricoeur,¹⁵ para torná-lo mais presente, mais vivo, para que possamos senti-lo como parte integrante de nossa própria existência. É preciso, como diz Walter Benjamin, procurar os ninhos do tédio "... o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência".¹⁶ Mas é preciso caminhar com muito cuidado, pois: "O menor sussurro nas folhagens o assusta".¹⁷

¹⁴ BOLLÈME, G. op. cit. p. 157-176.

¹⁵ RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1994. v. 1.

¹⁶ BENJAMIN, W. O Narrador. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 204.

¹⁷ *Ibidem*. p. 204.

Lembremos aqui que só recentemente a televisão chegou a Limeira, por artes da moderna tecnologia das antenas parabólicas e que muitas alterações provocou naquela pacata vila do município de Brusque.

Um espião do cotidiano

Hora de telenovela é hora de senhoras e moças correrem para a casa da vizinha mais abastada, possuidora do prodigioso invento, para se entreterem com a nova diversão que começa a ganhar corações.

Maridos e filhos chegam do trabalho. Jantar sobre o fogão. Mesa posta. A tradicional prosa da hora do jantar cede, agora, lugar a um enorme vazio que só é preenchido pelo melancólico canto das cigarras. É preciso prosear para esquecer a dureza de um longo dia na solidão da roça, ou do trabalho embrutecedor da lida com o gado. É preciso prosear enquanto se fuma um bom palheiro às voltas com um café bem quente, sentado perto do velho fogão de lenha. “Mas prosear com quem?” – desabafa Dário Torezani.

Quando a mulher e as filhas vão assistir aquela porcaria de novela, aproveito e vou tratar dos porcos; e fico lá até tarde proseando com os bichos. Tenho uma porca que até já me entende como gente.¹⁸

Ele declarou isto num tom sarcástico, como se quisesse esconder seu verdadeiro sentimento por trás de uma máscara. Como se o próprio fato de narrar sua sina, rindo de si mesmo, ajudasse-o a encarar seu triste drama. Uma espécie de autodefesa, uma forma de narrar para um estranho um problema íntimo que o incomoda, mas sem se expor ao ridículo, sem se mostrar abalado pelo fato narrado, eximindo-se de sua dor.

¹⁸ Entrevista cedida por Dário Torezani; Limeira, julho de 1995.

O historiador precisa, em campo, perceber sua condição de intruso e relativizar o quanto puder esta condição. É preciso muito mais que empatia na relação com o informante, é necessário haver cumplicidade. É preciso tratá-lo como igual, partilhar seus sentimentos. O historiador do cotidiano é um “espião da vida” das classes populares através do tempo. Precisa, portanto, olhar com os olhos da vida, buscar a experiência cotidiana nos mais inesperados lugares do passado.

A fala de Dário Torezani só pode ser satisfatoriamente interpretada se considerada em “... um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade”.¹⁹ Isto porque “... a tarefa essencial da construção teórica não é codificar regularidades abstratas, mas tornar possíveis descrições minuciosas; não generalizar através dos casos, mas generalizar dentro deles”.²⁰

Descrever com densidade, em nosso caso, significa fornecer ao leitor a possibilidade de vislumbrar as situações do cotidiano dos limeirenses a partir de vários pontos de vista, procurando colocá-lo dentro, em sintonia, com as experiências históricas cotidianas daquela gente. Pretendemos decodificar os símbolos culturais desta comunidade através de uma minuciosa descrição de sua experiência cotidiana. Como utilizaremos na dissertação o método antropológico de campo, estas descrições também focalizarão as experiências presentes dos limeirenses, naquilo que elas significarem continuidades ou rupturas com o passado. A narrativa histórica vai, pois, do presente ao passado e do passado ao presente, dentro dos limites impostos pelas fontes orais. Não se trata, como se poderia pensar, de um “estilo” ou de uma mera opção do autor, mas de uma necessidade implícita ao próprio objeto de investigação. Isto porque queremos identi-

¹⁹ GEERTZ, C. op. cit., p. 24.

²⁰ Ibidem, p. 36.

ficar nas experiências cotidianas passadas “as pistas” que nos ajudem a esclarecer a existência de determinados símbolos atuais da comunidade. O que implica, necessariamente, este ininterrupto “ir e vir” ao longo do tempo. Possibilidade que nos é dada devido ao fato de podermos dialogar com as fontes de forma muito pessoal e humana, de nos sensibilizarmos com elas, posto que, como nós, elas são vivas.

É aí, no fluir rotineiro da vida que passa desapercibida, que se ouvem os sons do silêncio, se vêem as coisas invisíveis. Mas para ouvir o inaudível e ver o invisível temos que espiar por estas gretas e entrar como uma brisa, que, sem pedir licença, vai chegando sem ser vista.

É possível dar novamente vida a estes pequenos instantes da vida cotidiana?

Se o historiador do cotidiano é um espião da vida, sua escrita não pode ser um cadáver. Compartilhar experiências de vida por meio da teatralidade da língua pressupõe uma forma de representar estas experiências através da escrita. Quero dizer que, quando o objeto do historiador é algo cuja fluidez e leveza o tornam inapreensível pelos rígidos esquemas da ciência, pode esta enriquecer-se com o auxílio de alguns recursos literários. Tal posição tem sido evidenciada por historiadores como: Geneviève Bollème,²¹ Jacques Rancière²², Paul Ricoeur,²³ Peter Burke,²⁴ entre outros.

Ricoeur situa a narrativa histórica e a ficcional num território comum que tem por base a construção do enredo. Este

²¹ BOLLÈME, G. op. cit. p. 226.

²² RANCIÈRE, J.. *Os nomes da história*. Um ensaio de poética do saber. São Paulo: Educ, 1994. p. 22-23.

²³ RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papirus, 1994. v. 1. p. 11.

²⁴ BURKE, P. *A escrita da história*. Novas perspectivas. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1992. p. 341.

enredo, todavia, se distingue na narrativa histórica e na ficcional não pela pretensão de verdade da primeira, mas pela relação de ambas com suas distintas temporalidades. Enquanto a ficção adota como referência temporal a livre imaginação do autor, a narrativa histórica adota como referência os vestígios do passado. Há, portanto, uma “capacidade da ficção de refigurar essa experiência temporal”.²⁵ Pois: “... o discurso poético traz à linguagem aspectos, qualidades, valores da realidade, que não têm acesso à linguagem diretamente descritiva”.²⁶ Para Chartier:

o real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade de sua produção e na intencionalidade de sua escrita.²⁷

Se, portanto, concordarmos com Ricoeur que o elemento ficcional é um importante ingrediente na construção da narrativa histórica pela sua capacidade de “refigurar experiências” e com Chartier, segundo o qual a realidade a que se refere o texto é a própria maneira como ele a cria, veremos o recurso à literatura como uma boa aliada da história. “A micro-narrativa parece ter vindo para ficar ...”,²⁸ escreve Peter Burke, chamando a atenção para as afinidades entre narrativa e micro-história.

²⁵ RICOEUR, P. op. cit.. p. 12.

²⁶ Idem, p.11.

²⁷ CHARTIER, R. op. cit..p.63.

²⁸ BURKE, P. op. cit. p. 343.